

O Rio não é Medellín

Apesar de algumas semelhanças, nem de longe a situação na Colômbia pode ser comparada ao contexto de violência vivido nas grandes cidades brasileiras



É difícil imaginar o Rio de Janeiro desenvolvendo uma cultura da morte ao ponto em que chegou em Medellín.

As diferenças são muitas, a começar pelas determinantes físicas. A cidade colombiana, incrustada num vale, é cercada de altíssimas montanhas, por onde escalam a pobreza e a falta de perspectivas. É sombria, não tem horizontes. O Rio de Janeiro tem seus morros, mas é a cidade que rodeia as montanhas. E tem o mar, a baía e as praias, oferta natural de lazer.

Em Medellín os bairros pobres, em geral melhores que nossas favelas, formam conjuntos contínuos, as extensas *comunas* cuja violência interna não incomoda necessariamente as elites, à semelhança da Baixada Fluminense e das periferias pobres de São Paulo.

No Rio, as favelas são ilhas, enclaves nos bairros ricos ou de classe média. Os tiros ali disparados atingem pessoas influentes da vizinhança, desvalorizam imóveis de luxo. A violência não fica circunscrita aos pobres, cruza a fronteira dos excluídos. A distância social não corresponde a uma distância física. Por isso, a sociedade dominante reage mais prontamente, chamando o Exército por exemplo, e impedindo que a situação se deteriore tanto como nas *comunas* de Medellín. O Rio é turismo, cuja atração tem efeitos locais e nacionais, e por isso haverá sempre pressões para recuperar sua imagem.

O contexto, em termos políticos e institucionais do país, é também completamente distinto. O Brasil nem de longe vive algo parecido à precariedade

do Estado colombiano, os desafios de uma guerrilha que controla parte do território, ocupando as Forças Armadas numa guerra interna de inevitáveis traumas. Nada comparável também à violência política de lá, somada à estreiteza representativa do jogo partidário.

Quanto ao narcotráfico, a distância é igualmente enorme. A Colômbia é a cabeça do polvo, exporta bilhões, emprega 300 mil famílias na produção de folhas de coca, quase a mesma quantidade que o café, principal produto de exportação nacional. Os enormes lucros levaram à formação de máfias, assim definidas pelo historiador Dario Betancourt porque obedecem às características das italianas e norte-americanas: organizam-se em torno de famílias e de rígidos códigos de honra, e são muito ligadas a tradições locais.

No Brasil, não se chegou a esse nível de organização. Nem é possível comparar as somas em jogo. A violência que incomoda principalmente o Rio de Janeiro está ligada ao consumo e ao tráfico varejista, à disputa sangrenta de um mercado aparentemente pequeno e estagnado, pois não comporta muitos concorrentes. Aqui se fala de gramas e quilos de cocaína, enquanto os carregamentos apreendidos das máfias colombianas chegam a toneladas.

O filé mignon do tráfico será sempre, até onde se pode prever, o domínio das rotas entre os três grandes produtores da coca – Bolívia, Peru e Colômbia – e os centros norte-americanos de consumo. Pela lógica, o Brasil continuará um tentáculo menor, por mais que se alardeie o contrário.

Nada disso elimina a gravidade da violência e da criminalidade no Rio de Janeiro e suas possibilidades de ampliação. Uma prolongada e profunda crise econômica local constitui um fator decisivo para o desenvolvimento de tais situações. Em Medellín, foi a falência da indústria têxtil nos anos 70.

Mas Alonso Salazar, que mergulhou no fenômeno da violência juvenil em Medellín, vê a questão cultural no centro do problema. Medellín é um caso mal resolvido de passagem da cultura rural para a urbana, segundo ele. Falta lazer na cidade de forma dramática. Pablo Escobar ganhou muito da sua popularidade espalhando centros esportivos pelos bairros pobres. Só recentemente a música local, nostálgica e pouco lúdica, vem cedendo espaço aos ritmos caribenhos que “fazem vibrar o corpo e alegram a alma”, segundo Salazar.

O Rio oferece obviamente condições melhores nessa área, para evitar o desenvolvimento de uma “cultura da morte”, com o carnaval, o samba e outras formas de expressão próprias e alegres. Tem a praia e ofertas de lazer baratas e relativamente democráticas. O Projeto Olímpico da Mangueira aponta uma solução. Mas é preocupante que jovens da cidade, ainda que em pequeno número, busquem emoções no *surfe* ferroviário e sigam se engajando no tráfico, embora já se saiba da reduzida expectativa de vida nessa atividade. E é um péssimo presságio que portar uma arma no morro seja para os adolescentes uma forma de afirmar-se e atrair garotas. (M.O.) ■



Colômbia: nos rostos dos parentes de vítimas da violência, a angústia da espera na porta dos necrotérios